

## O fenômeno da mística segundo E.R. Dodds<sup>52</sup>

Marks Henrik dos Santos<sup>53</sup>

**Palavras-chave:** Mística; paganismo; cristianismo; êxtase.

### 1. Introdução

Na antiguidade, filósofos inspirados pelos antigos cultos órficos da cultura grega – no caso dos neoplatônicos – e pela religiosidade judaico-cristã relatam haverem tido contato com algum tipo de instância superior ou divina durante as suas reflexões, orações ou ritos. Posteriormente, essas experiências foram classificadas como experiências místicas. Porém, alguns pensadores divergiam acerca das razões destas experiências por motivo de diferenças filosóficas ou religiosas.

A análise de E. R. Dodds sobre o fenômeno da mística é baseada no conceito de *mística* definido por Lalande, em seu *Vocabulaire de la Philosophie*, como

a crença na possibilidade de uma união íntima e direta do espírito humano com o princípio fundamental do ser, uma união que constitui simultaneamente um modo de existir e um modo de conhecer distintos e superiores à existência e ao conhecimento normais (LALANDE *apud* DODDS, 1968, p.100).

A razão por trás da escolha dessa definição se dá pelo fato da ideia da mística ser um tanto “vaga e perigosa”, visto que durante toda a história se confundiu muito as origens desta experiência, se elas eram divinas ou demoníacas. Nosso trabalho tem, portanto, como objetivo, pensar, à luz das reflexões do renomado historiador da filosofia e das religiões, Dodds, em que medida podemos falar de experiência mística. Para tanto, dividiremos nossa exposição nos seguintes pontos: a) os tipos de crenças místicas; b) os tipos de místicos; c) os tipos de experiências místicas; e, finalmente, faremos algumas considerações finais extraídas das nossas reflexões a partir da obra *Paganos y Cristianos en una época de angústia* (1968).

### 2. Desenvolvimento

---

<sup>52</sup> Este trabalho é parte integrante do Projeto de Pesquisa sobre Paganismo e Cristianismo nos primeiros séculos sob orientação do Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra junto a COPES/PIBIC/UFS.

<sup>53</sup> Estudante do curso de graduação em Filosofia na Universidade Federal de Sergipe.

Dodds faz uma distinção entre os *místicos teóricos* e os *místicos praticantes*. Aqueles são os que creem na possibilidade da experiência mística e estes são os que creem terem alcançado tal experiência. Em seguida, ele empreende a tarefa de distinguir os casos de experiência mística, no sentido dado acima, do sentido amplo do termo.

Há muita confusão acerca dos termos utilizados na Idade Média no que diz respeito às experiências místicas em geral. Um exemplo é o de *ekstasis*, às vezes usado para se referir a uma mudança abrupta de espírito (estado de espírito, humor), como quando Jesus disputava com os escribas e fariseus no templo; ou para descrever uma união entre o humano e o espiritual, seja um espírito benigno, como no caso dos apóstolos e profetas, seja um espírito maligno, como no caso de Pitia, descrito por Orígenes. O que se pode afirmar realmente não é uma descrição de uma união espiritual, mas de um “estado de possessão ocasional”. O espírito divino faz contato com o espírito humano, e não este que se eleva até aquele.

A ideia do homem ter uma fagulha de divindade levou a muitas interpretações disso que se tomava como fato, tanto entre cristãos como entre pagãos. Assim como a ideia de que o homem poderia se converter em um deus ou em um demônio por meio da experiência mística. Esse fenômeno é o que chamavam de *deificação*, que consistia numa verdadeira troca de identidade com a entidade com quem se fazia o contato.

O fenômeno da mística propriamente dita tem duas concepções distintas. O autor utiliza das concepções de místicas *extrovertida* e *introvertida*, definidas por Zaehner e Stace: a mística extrovertida visa alcançar a unidade do espírito por meio da exterioridade dos sentidos, enquanto que a introvertida visa essa mesma experiência fechando-se à intimidade do espírito. A escolha de cada método depende do temperamento do místico que a pratica.

O temperamento e a personalidade, assim como a sua cosmovisão pessoal, influenciava diretamente na experiência mística ou na doutrina a ela relacionada. Havia o pessimismo e o otimismo cósmicos que repercutiam na noção de divindade que poderia ser um deus interior e inerente a todo homem e que, para alcançá-lo, seria necessária uma experiência mística introvertida, se o indivíduo cresse no pessimismo cósmico. Do contrário, ele poderia encontrar deus no exterior, pois tudo estaria contido nele e, por tanto, tudo seria ele. Esse posicionamento caracteriza o otimismo cósmico.

As experiências místicas, sejam elas extrovertidas ou introvertidas, também podem variar de “níveis”. Enquanto que alguns herméticos se contentam com o contato místico com a natureza, o filósofo neoplatônico Plotino crê que tal experiência realmente se efetiva no contato com aquilo que subjaz a ela: o Uno. “...o que para os hermetistas é a meta final, para Plotino não é mais que o começo de uma ascensão” (DODDS, 1968, p.116). Plotino

representa o exemplo ideal do místico introvertido. Mas a experiência mística que Plotino visa não é alcançada pelos meios comuns a qualquer outra doutrina, como ritos ou exercícios de qualquer outro tipo. Ela é uma experiência intelectual, portanto seus métodos são outros como a negação, a analogia e a eminência (principalmente este último), criados por Albino com a finalidade de conhecer Deus. Nisso Plotino se aproxima mais da mística oriental hindu do que da cristã e islâmica: essa distinção se dá em dois pontos: (1) a experiência mística ocorre de forma *natural*, ou seja, não depende de uma intervenção ou força divinas, mas da vontade do intelecto humano; (2) a relação entre o intelecto humano e o Uno não é recíproca como de pai para filho, analogia usada constatemente no cristianismo, pois o Uno não sente desejo pelas suas criaturas, o que indicaria a sua imperfeição. De Plotino em diante, a filosofia entrou para as doutrinas herméticas como instrumento do contato com o divino. Assim usaram-na Asclépio, Justino, Máximo de Tiro e Celso.

Há também algumas semelhanças com o judaísmo. O que Plotino dizia sobre a “desnudez” da alma para entrar no âmbito místico se encontra de forma semelhante em Fílon: “Este é o motivo pelo qual o sumo sacerdote não penetra no Santo dos Santos com as suas vestes sagradas, senão com a alma despojada da túnica da opinião e da imaginação... despojada de todas as cores e sons “ (DODDS, 1968, p.129).

Na doutrina cristã a possibilidade dessa experiência mística não ocorre em vida, exceto para Orígenes, mas os argumentos em favor disso não são tão convincentes. “Para resumir, no período que estudamos só se sabe que praticaram a mística em sentido estrito Plotino e Porfírio. Porém, a experiência mística admite diversos graus, e a mística plotiniana não é um caso isolado” (DODDS, 1968, p.135). Se se tomar a experiência mística em sentido amplo, pode se dizer que isso era um fenômeno endêmico no ambiente intelectual, seja filosófico ou religioso, tal que essa fora a forma encontrada para o alívio contra as aflições e angústicas de tempos instáveis.

### 3. Aspectos teóricos

Em se tratando de um trabalho de cunho teórico-interpretativo, o caminho metodológico que seguiremos consiste na análise hermenêutica da obra de Dodds *Pagãos e cristãos em uma época de angustia* (1968). Para tanto, dividiremos sua argumentação, no que se refere à noção de experiência mística ressaltando seus principais argumentos em defesa de

uma divisão e caracterização das experiências em extrovertidas e introvertidas. Sempre que necessário, confrontaremos suas citações com o texto original, em particular, das *Enéadas*, de Plotino.

#### 4. Conclusão

A princípio, as experiências místicas não são de fácil explicação pelo fato de que dependem inteiramente das perspectivas cosmológicas, filosóficas ou religiosas de cada indivíduo que chega a ter tais experiências e daqueles que testemunham-nas. O objetivo de Dodds é elucidar este fenômeno não a partir dele mesmo, mas das diferentes formas em que surgem para cada grupo religioso ou seita.

A divisão entre os *teóricos* e os *práticos* estabelece uma ruptura entre a mera crença ou testemunho da experiência tida de fato pelo místico. Dentre aqueles que alcançaram-na de fato, a experiência da unidade mística pode se dar ou por meio dos sentidos ou por meio intelectual. Estes são classificados em *extrovertido* e *introvertido*.

Alguns dos fatores determinantes na cosmovisão do místico para a sua concepção da experiência obtida são o pessimismo e o otimismo, fatores esses que não só exercem influência sobre a experiência mas também sobre a própria elaboração teórica ou dogmática da sua doutrina. Tudo isso retoma a questão da origem da experiência mística: se ela depende inteiramente da vontade humana ou da vontade de divina.

#### 4. Referências

DODDS, E.R. **Paganos y Cristianos en una epoca de angústia**. Trad. J. VALIENTE

MALLA, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1968.

PLOTINO. **Enéadas, I, II e III – Porfírio, Vida de Plotino**: introdução, tradução e notas de José Carlos Baracat Júnior. Campinas, SP: [s.n.], 2006

\_\_\_\_\_. **Enéadas III–IV**. (Introducciones, traducciones y notas de Jesús Igal). Madrid: Gredos, S.A., 1998

\_\_\_\_\_ **Enéadas V–VI.** (Introducciones, traducciones y notas de Jesús Igal). Madrid:  
Gredos, S.A., 1998